

Quanto vale uma vida?"

Robson Cássio Carvalho

Em uma dessas noites de chuva torrencial, me encontrava de plantão no posto da Brigada Militar e minha viatura foi despachada para atender uma ocorrência de atropelamento em uma das vias de acesso à cidade. Em princípio mais uma ocorrência rotineira, coloquei uma capa de chuva e nos deslocamos. Devido à baixa visibilidade ligamos luzes sirene e giroflex. Chegamos ao referido endereço e visualizei duas bicicletas retorcidas, em seguida encontramos uma moça caída, estava muito lesionada. Enquanto meu colega ligava para o SAMU, eu tentava falar com a moça que aparentemente apresentava ter no máximo 16 anos de idade, quando ela me respondeu dizendo seu nome, fiquei mais aliviado, não tinha perdido a consciência. Ela então perguntou pelo seu namorado e eu logo lembrei que havia visto duas bicicletas. Então gritei para meu colega que havia duas vítimas, ele me olhou surpreso e começou a procurar pela outra pessoa naquela chuva sem tréguas, mas nada encontrou.

Pensei em perguntar para a moça o que havia acontecido, mas ela já havia desmaiado. Logo chegou a ambulância e o rádio da nossa viatura nos despachou para outra ocorrência de atropelamento a menos de dois quilômetros do local. Deslocamos para a outra ocorrência e nos deparamos com um jovem com várias fraturas expostas e com o rosto desfigurado, mas ainda com vida. Chamamos a ambulância e deslocamos para o pronto socorro onde obtivemos o relato da jovem da ocorrência anterior que estava sendo atendida e gritava pelo seu namorado. Foi nesse momento que ficou claro que as duas ocorrências na verdade eram uma só. Dois jovens namorados que voltavam de bicicleta para suas casas e foram atropelados por um veículo de grande porte, o qual arrastou o rapaz por quase dois quilômetros. O motorista fugiu para escapar do flagrante.

A ambulância que trazia o rapaz atropelado estava demorando para chegar ao pronto socorro, então ficamos sabendo que a equipe médica teve que parar no meio do caminho para tentar reanimar o jovem que estava gravemente ferido, mas infelizmente ele não resistiu aos ferimentos e entrou em óbito.

Após decorridas 48 horas do atropelamento, um homem em uma camionete de luxo completamente avariada se apresentou na delegacia. Tratava-se de um empresário acompanhado de seu advogado, assumindo a autoria do crime e dizendo não ter visto o que ocorreu, que somente em casa percebeu o acontecido através das avarias em seu carro e as notícias recebidas através de populares, mas que sentia muito pelo

corrido. Em duas horas o empresário foi liberado para responder em liberdade ao processo e seu carro foi substituído pelo seguro.

É possível pensar nesta cena conforme a análise de DaMatta quando trata das causas nada óbvias dos acidentes de trânsito. O autor realiza uma reflexão da diferença entre acidente e tragédia e dos diferentes pontos de vista que um e outro conceito apresentam. Na cena eram dois jovens desconhecidos e um empresário bem sucedido, o que tornou o acidente uma fatalidade. Diferentemente se a vítima tivesse influência, provavelmente o caso teria outro desfecho. Talvez fosse tratado como uma tragédia, mas como ocorreu com invisíveis para a sociedade caiu na forma popular do diminutivo como bem ilustra DaMatta uma batidinha por causa da chuva que resultou em mais uma fatalidadezinha.

A cena lembra a incompatibilidade que existe na formação social brasileira fundada nas vontades e a partir do arbítrio de uma pequena elite que por muito tempo foi latifundiária e hoje é também urbana, que dita normas sociais a partir de uma posição hierárquica socialmente reconhecida como no conflito indivíduo/pessoa proposto por Roberto DaMatta em seu estudo sobre o “*sabe com quem está falando?*” Ideia que se reflete não só no trânsito, mas em muitas cenas que vivenciamos cotidianamente.

Bibliografia

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco. 1986.

DAMATTA, R. **Fé em Deus e pé na tábua.** Rio de Janeiro: Rocco. 2010.